

## I

### *O turbilhão conjugal: um exemplo*

Para ter uma ideia das complicações que os indivíduos sabem criar, sobretudo quando vivem uma relação íntima sem intimidade, tente o leitor entender este diálogo, não de todo improvável, entre dois cônjuges e o seu terapeuta<sup>1</sup>.

Mulher: *Repare, o que me faz ficar zangada é o facto de o meu marido estar sempre zangado.*

Marido: *Mas como pode ser isso se eu não me zango nunca...*

Mulher: *Está a ouvi-lo, doutor? O que me enraivece é que ele não fique zangado quando eu lhe digo que estou zangada porque ele está zangado...*

Marido: *Não é verdade, doutor, o facto é que sou eu que fico zangado por causa de ela estar assim tão furiosa por eu não estar zangado de facto...*

Terapeuta (interrompendo): *Bom, bom, de acordo, mas...*

Mulher: *Ele está sempre pronto a ofender-me.*

Marido: *Veja, eu é que acho ofensivo pensar que a minha mulher possa acreditar que eu a ofendo sempre, isso faz-me medo...*

Mulher: *Mas não deves ter medo, tens sempre medo de qualquer coisa...*

Marido: *Evidentemente, tenho medo de ter medo simplesmente porque tu me dizes que não devo ter medo.*

<sup>1</sup> LAING, R., Nodi, Einaudi, Torino, 1974.

- Mulher: *A verdade, doutor, é que o meu marido se diverte a fazer-me sentir estúpida.*
- Marido: *Mas não és estúpida, sabes isso perfeitamente.*
- Mulher: *Cá está, doutor, ele faz-me sentir estúpida pelo simples facto de o ter dito; assim, sou uma estúpida, quer por ter razão, quer por ter errado. Sou tão infeliz, doutor, por ele nunca estar contente!*
- Marido: *Bom, eu não sou assim tão infeliz!*
- Mulher: *É essa a minha infelicidade, ele não é infeliz mesmo sabendo que eu sou infeliz por o saber infeliz.*
- Marido: *Se compreendi bem, eu deveria forçar-me a ser sempre feliz, para que ela esteja feliz por me ver contente; és uma grande egoísta!*
- Mulher: *Eu, egoísta? Mas eu só penso em ti, dei-te sempre tudo!*
- Marido: *Eu só tive dela, doutor, o que não queria. Basta que eu queira uma coisa para nunca mais a ter... Se quiser uma coisa, basta-me não a desejar, para a ter. Se obtenho algo, é porque não o desejei, eu não devo desejar...*
- Terapeuta: *Assim, você deseja o que não pode obter, porque você só obtém o que não deseja? Mas nunca tentaram um encontro dos vossos desejos?*
- Marido: *Veja, doutor, eu poderia estender-lhe uma mão se ela se mostrasse mais forte, mas se ela precisa que se lhe estenda a mão é porque é fraca. Então, por que é que havia de lha estender?*

Que a relação entre dois indivíduos se torne um nó tão difícil de desenredar não é tão raro como se possa pensar. Vejamos como funciona este mecanismo e se existe esperança de o deter.

## II

### *O casamento tal como é e tal como poderia ser*

Classificar os vários tipos de casamento é uma tarefa difícil dado que, na realidade, existem tantas categorias quantos os casais. Todavia trata-se de uma tarefa útil. Pode ajudar quer o terapeuta num primeiro esboço da terapia, quer os casais, fazendo-os constatar, com satisfação, que não são os únicos a debater-se com problemas.

O leitor poderá divertir-se a descobrir em que categoria entra o seu casamento, quase sempre convencido de que o cônjuge fez um casamento muito melhor do que o seu.

Uma primeira classificação, que julgo útil pela sua simplicidade, tem em conta a história do casal, e consiste em assinalar o casamento com as letras “A”, “H”, “O”, “S”, “V”, “X”, “Y” e “I”<sup>1</sup>.

Classifica-se como casamento “A” aquele que se iniciou com uma certa distância entre os cônjuges porque, por exemplo, foi motivado pelo interesse ou imposto pelas famílias. Mas, pouco a pouco, resultou uma aproximação entre marido e mulher pela criação de um vínculo comum (simbolizado pela barra transversal do “A”), como um filho, trabalharem juntos, praticarem um desporto em conjunto...

No casamento “H”, a situação inicial é como a do casamento “A”, mas o vínculo comum não conduziu a uma aproximação dos cônjuges. Mesmo com um filho, as suas vidas permanecem paralelas.

<sup>1</sup> BERNE, E. *Fare l'amore*, Bompiani, Milano, 1971, p. 135 e segs.

Quando marido e mulher não cessam de correr um atrás do outro girando num vazio, sem nunca se encontrarem, designo o casamento como “O”.

No casamento “S”, os cônjuges estão à procura de uma boa adaptação mas nunca ou raramente conseguem melhorar a sua situação de partida.

Quando o casamento se inicia bem mas, vai sempre piorando, designo-o por “V”.

No casamento “Y” o início feliz dura mais tempo do que no “V” mas a união termina da mesma forma. Estas duas últimas categorias de casamento demonstram que o amor só é eterno enquanto dura.

O casamento “X” corresponde ao casamento “A” mas, depois de um período de acordo, cada um dos cônjuges toma o seu caminho.

No casamento “I”, tudo vai bem do princípio ao fim.

Um outro tipo de classificação contempla a estabilidade da relação, e o facto de os cônjuges a considerarem como mais ou menos satisfatória<sup>2</sup>.

A pior de todas as combinações possíveis é a do casamento *estável-insatisfatório*: os cônjuges, estando insatisfeitos, mantêm estável esse nível de insatisfação a ponto de ser correcto definir este tipo de casamento como “prisão matrimonial”. Podem mesmo trocar declarações de amor mascarando uma hostilidade visceral. Na prática estes casais não podem nem permanecer juntos, nem separar-se. Vegetam mais do que vivem, discutindo raramente. Sentem-se fechados numa gaiola e utilizam-se reciprocamente para se manterem à distância.

Estes casais raramente recorrem ao psicoterapeuta ou ao conselheiro conjugal uma vez que, tudo somado, os seus problemas permanecem sem gravidade aos seus olhos. Por vezes vêm, mas unicamente para falar dos seus filhos. Assim, a única aliança possível entre eles é a confirmação da sua estabilidade mascarando a insatisfação. Entre estes casais, frequentemente um dos cônjuges dedica-

<sup>2</sup> Para esta classificação cfr. LEDERER, W., JACKSON, D., *The Mirage of Marriage*, Norton, New York, 1968, p. 126 e segs.

-se inteiramente ao trabalho, principalmente para manter o outro afastado. Entre eles, as mensagens são geralmente mal transmitidas e mal recebidas, sem qualquer esforço de esclarecimento recíproco.

O casamento *instável-insatisfatório* agrupa a maior parte dos clientes dos advogados ligados a divórcios e dos psicólogos. A história destes casais termina frequentemente em separação, divórcio ou suicídio.

Chega-se a esta conclusão após uma vida de disputas entre pessoas que quase sempre se casaram unicamente para darem uma lição uma à outra.

Reconhecem o insucesso da sua relação mas não fazem absolutamente nada para a mudar. Acusam-se mutuamente de forma contínua, o que desencadeia hostilidade recíproca e só serve para deslocar geometricamente o conflito.

Frequentemente, neste tipo de união verifica-se que o conflito não aparece à primeira vista. Está, por vezes, mascarado e as expressões de agressividade subjacente transparecem no sarcasmo, na frieza, na impotência ou no alcoolismo.

Nestes últimos casos o outro cônjuge, objecto da hostilidade, apesar de compreender que aqueles sintomas são manifestação de insatisfação, envia o “doente” em questão para o médico, o psiquiatra, o psicólogo ou, numa solução mais caseira, enche-o de medicamentos, se possível psicofármacos.

O que, por vezes, confere unidade a estes casais é o desejo infantil de resgatar num futuro próximo as frustrações do passado, o que, com o andar do tempo, conduz apenas a um aumento de insatisfação.

A união *instável-satisfatória* é, sem dúvida, a forma que se encontra mais frequentemente sobretudo em cônjuges casados há mais de dez anos; trata-se de uma estrutura pouco conhecida, visto que estes casais, pela própria natureza da sua relação, dificilmente recorrem a especialistas do comportamento humano para resolver os seus problemas.

A instabilidade manifesta-se por disputas frequentes a propósito tanto de questões insignificantes, como de questões de maior importância. A satisfação revela-se no facto de, para além da agressi-